

Cooperativas são a solução

Novo presidente do BNCC quer estimular a construção de armazéns e silos a nível de produtor

A solução para o problema da super-safra do Distrito Federal passa pelo cooperativismo. A construção de armazéns e silos, a nível de produtor, e a financiamentos desburocratizados já está na pauta do presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Djandir Dalpasquale, que vem mantendo contatos com os órgãos coligados do Ministério da Agricultura, como Cibrazém, Companhia de Financiamento da Produção e outros, com o objetivo de encaminhar a questão.

— Nesse sentido, as cooperativas terão um papel muito importante, aliado às novas diretrizes conferidas à Cibrazém, pelo seu novo presidente, Fernando Crayori. Ele pretende reorientar os recursos da companhia, de maneira a construir armazéns onde não existam e reduzir a capacidade ociosa dos já construídos — informou o presidente do BNCC.

Dalpasquale, um produtor rural e cooperativista de longa experiência, que também já foi senador e exerceu cargos públicos, como o de prefeito de Campos Novos (Santa Catarina) e deputado estadual em três legislaturas, espera superar as dificuldades de correntes da situação prefallimentar em que encontrou o Banco, para pôr em execução um ambicioso programa de apoio à produção rural, em várias fases dessa atividade.

Para exemplificar o tipo de equacionamento que vai empregar para o problema da super-safra do Distrito Federal, Dalpasquale cita o exemplo da cooperativa de sua cidade, Campos Novos, que armazena quase toda a produção de soja, milho e feijão, daquele município grande produtor.

— A filosofia do cooperativismo é exatamente esta — diz o presidente do BNCC — procurar orientar o agricultor e apoiar sua produção. Posso garantir que o ministro Pedro Simon está muito preocupado com o problema do armazenamento de grãos, não só no Distrito Federal, mas como em outras regiões, onde ocorreu produção acima das estimativas e surgiu o problema do armazenamento. Como conheço o assunto, porque sou do ramo, acho importante que as cooperativas continuem seu trabalho também nesse campo.

DIVIDAS

Mas o grande problema do Banco Nacional de Crédito Cooperativo é a falta de recursos e os encargos e pendências deixados pelas administrações anteriores, os quais, segundo Dalpasquale, requerem a adoção

de medidas urgentes pelas autoridades governamentais, inclusive definindo a linha de atuação do BNCC. Ele considera de fundamental importância a solução para questões como o endividamento externo da instituição. Cita um empréstimo feito no Japão, através do lançamento de bônus naquele mercado, cuja importância se avoluma de tal forma que “no ano que vem se tornará quase impraticável”.

Ele lembra que aquele dinheiro foi mal aplicado e em operações mal-sucedidas e provavelmente incorretas e destaca, ao mesmo tempo, que paralelamente a essas questões há a da inadimplência que hoje atinge a mais de Cr\$ 16 bilhões, “sem esperanças de receber”, apesar de já serem motivo de ações cíveis na Justiça. Aquele montante, segundo ele, refere-se apenas ao principal da dívida, que se for atualizado atingirá somas parecidas com aquelas do escândalo da Superintendência Nacional da Marinha Mercante — Sunarmar.

Dalpasquale lembra que naquele montante não estão incluídos alguns débitos, como o da Capem, por exemplo, que junto com a Cooperativa Central-Sul somam mais de Cr\$ 1 bilhão. Diante da extensão dos prejuízos para os cofres públicos, o presidente do BNCC manifesta-se favorável à punição dos responsáveis. “Acho que todo cidadão que cometeu um erro, como esse, deve ser punido. Eu reputo como um crime muito pior do que o sujeito trocar a sua identidade ou muito pior do que o elemento carregar no bolso 20 gramas de cocaína”, disse Dalpasquale.

Segundo ele, é difícil saber como o Banco Central vai atuar em relação a casos como o da Capem e sua dívida para com o BNCC. “Sabemos que é praticamente incobrável”, disse, relatando as irregularidades que encontrou ao assumir o cargo. “Ações como as que aqui foram praticadas fazem com que a gente fique apavorado com a extensão dos danos causados ao patrimônio público”.

DEFINIÇÃO

Djandir Dalpasquale espera definir com o ministro da Agricultura e com as autoridades econômicas, o mais depressa possível, a posição do BNCC: “ou ele abre como banco comercial ou fica só com as cooperativas, mas de forma que possa fazer qualquer tipo de operação recebendo depósitos, empréstimos, contribuições previdenciárias, operações de empréstimos agrícolas, de aplicação no over e no open, descontar duplicatas e etc”.

Segundo ele, dessa forma o banco vai ter uma linha de atuação, porque hoje ele está impedido em quase todos os aspectos, embora o próprio Ministério da Agricultura, em cuja órbita se encontra, e seus órgãos movimentam enormes somas de recursos que poderiam passar pelos cofres do BNCC gerando novos recursos para novas aplicações. “O que nós queremos é dar uma nova imagem ao BNCC, um novo conceito que lhe permita operar nas mesmas condições do Banco do Brasil, com a mesma seriedade, responsabilidade, não podendo, de forma alguma, fazer operações de favor, mas operações justas e corretas.

cão de armazéns e silos a nível de produtor,

para supersafra do DF



Dalpasquale: mudanças